

Biblioteca Pública de

Braga

REVISTA LIVRE

7
JULHO
1962

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — AMARES

A POSSE DO SENHOR

Carlos Joaquim Rebelo da Silva Malheiro,
no cargo de Presidente da Câmara,
decorreu com muito brilho e farta concorrência

As portas do Governo Civil de Braga voltaram a franquear-se a grande concorrência de pessoas para mais um acto de posse, desta vez dum novo presidente da Câmara de Amares, sr. Carlos da Silva Malheiro, natural de Rendufe, deste concelho, aqui proprietário e gerente comercial em Braga, escolhido por não se encontrar envolvido nas questões que se têm defrontado e por não pertencer a grupos. Esta a esperança e confiança de quem teve de escolher, abertamente declarada, no acto a que nós vimos a reportar.

Vem substituir a maior figura que a história do concelho conhece no que refere a prestígio e realizador notável, e homem que no primeiro mandato no Município, há cerca de 30 anos, levantou obras da maior projecção sem ninguém que o ajudasse a não ser dois amarenses ilustres já falecidos, principalmente o dr. Cícero Azevedo, não estando sequer no concelho quem haveria de gerar discórdias e incompreensões sem par. Mas a sua obra mais incontestavelmente sem paralelo foi aquela que levantou nos 2 anos que agora serviu, não só pelo que fez como pelo que deixou a fazer-se, mais do que em todo o tempo de Regime de Estado Novo contando mesmo o tempo em que ele já havia servido como acima referimos.

Vai o novo presidente verificá-lo quando tomar contacto com os serviços e se certificar de quanto foi acabado, está a decorrer, está já participado para seguir ou será participado no ano decorrente. É por isso que a sua missão é difícil, profundamente difícil, até porque os povos esclarecidos e as terras guiam a sua inteligência pelos factos. Manda a verdade dizer-se, por amor à justiça, que o novo presidente não trás compromissos que lhe dificultem a acção, subserviên-

cia a facções que parcializem o que fizer, nem lhe faltam predicados. Mas é também justo referir, até como aviso, que certas mentalidades encontram-se embutadas e é com a maior sem cerimónia que se deturpam factos, se alteram actos e se vicia a verdade.

A sua primeira surpresa — e ainda bem — será verificar que as madelicências são infundados, mas mais do que isso, são a negação da verdade e representam o contrário dela. Aquilo que vê e o que terá ouvido, são um contraste. Sentir-se-á confundido. As obras decorrentes em tal número e valor que o Município em cada reunião autoriza pagamentos de dezenas de contos sem que disponha de dinheiro, mas graças às participações. Verá participações chegadas e a chegar e ansioso quererá saber como será possível realizar — e as participações não se podem perder. Ao certificar-se, em pormenor, como algumas obras se realizam, encontrará sacrifícios que na época de agora se não compreendem e perguntar-se-á como certos homens «justos» afirmam certas coisas e como será possível encontrar iguais obreiros.

Nós sabemos particularmente como é ingrata a sua missão, estamos por isso prontos a ajudá-lo mas dentro das características que nos são conhecidas — realizar. Seremos compreensivos e claros já que mais do que nunca, e dada a atmosfera de mentira existente, nos propusemos ser claros.

Missão difícil, mas por isso mais linda. Como seria interessante que surgisse quem fosse verificar se há qualquer acto menos digno e a have-lo procedesse. Se só há intriga, calúnia e má fé, se as denunciasses. Se há realizações notáveis as confirmasse. Em suma, esclarecer com justiça. Quem sabe?

A posse realizou-se cerca

das 16 horas e entre as várias pessoas presentes vimos: o sr. presidente da Comissão Distrital da U. N. e dois dos membros, presidentes da Câmara de Vieira, Terras de Bouro e Braga; Padre João de Barreiros, Arcipreste de Braga; Padre Albino Fernandes Alves, Arcipreste de Amares, vereadores: dr. João Baptista Fernandes, Asdrubal de Oliveira e Paulo Macedo, este presidente da Associação dos Bombeiros V., dr. Avelino Silva, presidente da U. N.; Padres Joaquim Ferreira, José Duarte, Acácio da Silva, Avelino dos Santos Antunes, João da Silva; Manuel Janela, presidente do F. C. de Amares; dr. Manuel Arantes Rodrigues, Conservador do Registo Civil, Delegado do I. N. T. P.; Director da Escola Industrial e Co-

Continua na 5.ª página

A NOSSA LINHA DE RUMO

Como todos ainda devem estar bem recordados, este jornal brotou da reacção da gente nova contra a apatia administrativa que desde há 20 anos se manifestava no nosso concelho.

Nesses 20 anos em que o Estado Novo facilitou a todos os municípios do país francos progressos, o nosso foi criminosamente reduzido à impotência.

Há cerca de 3 anos conseguiu-se arejar a administração e como um dique que se rompe surgiu o progresso em todos os sectores, e as participações são no valor de milhares de contos. As suas construções particulares sucedem-se em ritmo acelerado, porque tudo foi facilitado à iniciativa particular. Consentiu-se na abertura de ruas mesmo por particulares, e às instituições foram facilitados os seus planos de obra, como as da Misericórdia, dos Bombeiros e da Sopa dos Pobres, etc. o que até ali era impossível. Mesmo assim foi difícil e penoso, porque não houve realização nenhuma

que não tivesse toda a série de entraves. Enfim está em realização um tal plano de obra e realizações que indo ao encontro das mais prementes necessidades transformou completamente o anterior estado de coisas.

Com todas estas manifestações de profícua actividade o concelho começou a ter esperanças no seu futuro.

No entanto os interesses mesquinhos, dos despeitados por esta salutar reviravolta progressiva do concelho, conseguiram os seus fins.

Novo rumo este concelho vai experimentar, é o terceiro presidente em dois anos e meio. Temos tanta fé no novo presidente, como tínhamos no progresso do concelho, quando este jornal se fundou, cheio de esperança.

A nossa linha de rumo é a mesma, colaborar nas realizações sérias e honestas, e por outro lado desmascarar os intriguistas e os oportunistas.

Com os olhos postos na tris-

Continua na 6.ª página

O PADRE JOSÉ ANTÓNIO DIAS

«Transcrevemos o artigo que se segue da autoria do nosso director, publicado no «Póvoa de Lanhoso».

Nem por ser esperada a todo o momento, desde há muito, a notícia deixou de cair como uma bomba: morreu o Padre José Dias.

Na vila, em todo o concelho, em Braga, no Distrito todo e por esse País abaixo o conhecimento do triste acontecimento causou profunda consternação e indelével mágoa em quantos conheceram a grande figura que acabava de passar deste mundo.

Como sempre se verifica com os grandes vultos, foi preciso que o Padre José Dias passasse para que a sua figura extraordinária e a sua gigantesca estatura surgissem a nossos olhos em toda a sua dimensão.

Sim. Todos sabem que não

é isto homenagem de uma pena agradecida ou simples manifestação de uma alma lacrimosa e agradecida. É a verdade.

O Padre José Dias foi grande em todas as facetas da sua vida. Foi um gigante. Foi de uma estatura moral, política e social que não encontra paralelo em mais de meia dúzia de vultos políticos da provincia.

É agora que a sua pessoa surge perante os nossos olhos tal como foi: Como foi e nós não víamos.

Ele foi Padre. Apetece-nos gritar bem alto, pedir a todos os que o conheceram bem que lhe façam justiça, agora que passou, agora que nenhuma luz desviada e alterada perturba em nós a verdadeira luz e o são juízo das coisas. Pedir, sim, que lhe façam justiça e digam, por ser verdade, que ele procurou, antes de tudo ser padre. Padre sem-

pre cauteloso contra todos os perigos que rodeiam os sacerdotes postos no mundo como ovelhas entre lobos, como inelutáveis vítimas a quem se atiram pedras com razão ou sem razão ela não importa. O Padre José Dias foi um cauteloso. Na hora em que lançamos sobre o papel este pedido de justiça, certamente Deus o terá já compensado das pedras injustas que lhe atiravam, que o feriram e o deixaram por vezes maltratado.

Vivemos muitos anos no amplexo da sua alma e dos seus braços. Sabíamos o que sofria, como sofria e como reagia. Sabemos, como todos os que com ele privaram, que os golpes que mais profundo penetrava na sua alma eram os dirigidos ao Padre. Nenhuma pedrada o deixava tanto em sangue como aquela que

(Continua na 4.ª página)

TRIBUNA FEMININA

A mulher perante a vida — Culinária

O filho que trazes no teu seio não tem culpa dos teus erros. Não lhe cortes a vida ainda em começo. Pois não vês que cometes um crime?

Matar — não é só desferir um tiro ou enterrar um punhal no coração de um ente já formado. Essa pequenina coisa que se forma, lentamente, dentro de ti, é já um ser humano, um futuro homem ou uma mulher de manhã. Se matares esse minúsculo ser mancharas as mãos de sangue, invisível embora, mas sangue, sangue do teu filho. Pensa que, ao matá-lo, terás, talvez, tirado a vida a um futuro benfeitor da humanidade, a um herói, a um santo. Quem sabe?

Muitos grandes homens do mundo foram filhos de pais incógnitos.

É certo que também muitos patifes tiveram a mesma origem; mas não cabe a nós resolver das suas vidas.

As mães cabe, sim, dar-lhes vida e formar-lhes o carácter.

Tem a certeza de que muitos homens e mulheres se transviaram por culpa das mães. Porque nem todas o sabem ser.

Se Deus não lhes acode, que será dessas crianças que brincam na rua de manhã até noite cerrada, que se juntam com os bêbados nas tabernas, ouvindo e proferindo palavrões, que apanham «beatas» do chão e aprendem o que jamais deviam saber?

As mães, entretanto, onde estão? Não, as que eu conheço não têm, sequer, a desculpa de andarem a «ganhar a vida». Estão em casa ou na casa das vizinhas. São elas próprias que mandam os filhos e filhas para a rua, para que «as não aborreçam».

Se os filhos dizem palavrões diante delas, acham-lhes muita graça!

Se eles aparecem com as cabeças rachadas pelos filhos dos vizinhos, com quem andaram ao sóco, elas tratam-nos proferindo, ao mesmo tempo, ameaças e insultos contra os «bandidos» (os termos empregados são outros) que lhes maltrataram os seus «inocentes» meninos.

Se eles foram atrevidos e alguém menos paciente lhes deu uma sapatada, os insultos voltam a chover e os «queridos pequenos» são desculpados.

Com mães assim que virão a ser essas crianças?

Ninguém nasce ensinado. Se uma criança faz e diz coisas que não devia fazer nem dizer, é porque alguém lhas ensinou. Às vezes, são, até, os próprios pais.

Casa de pais, escola de filhos. Conheces aquele apólogo do caranguejo? O tal que censurava o filho por não andar direito?

As crianças têm propensão para imitar os adultos, em especial os pais. Fazem o que vêem fazer, dizem o que ouvem dizer. Se os adultos, procederem correctamente também as crianças assim procederão.

Nada adianta dizer-lhes que «isto não se faz». Elas poderão perguntar, com razão: «Então porque é que a mãe faz isto e eu não posso fazer?»

A perguntas como esta costumam os adultos dar respostas estúpidas:

«Porque eu sou eu!»

«Eu sou grande e o menino é pequeno!»

Quer dizer: só quando chegar à idade da mãe ou do pai, é que o menino poderá fazer e dizer asneiras!...

É esta a lógica conclusão a que chegam os pequeninos cérebros das crianças.

Com tal raciocínio elas ficam desorientadas, ignorando completamente como devem proceder os «meninos pequenos». Segundo a lógica dos «grandes», os adultos podem proceder como crianças — crianças malcriadas — e as crianças deveriam comportar-

-se como adultos bem educados. Mas como é isso possível se a criança ignora o que é a «boa-educação»?!

Um erro cometido por muitas mães, por aquelas mães de espirito traco, é o fazerem do chefe da família um papão:

«Se não estás quieto telefonar para o pai!»

«Deixa estar que eu logo faço queixa ao teu pai!»

Perdem a autoridade sobre os filhos e fazem com que o pai seja temido em vez de ser, como devia, amado e respeitado.

Porque «temer» e «respeitar» não são sinónimos, como muita gente julga.

O respeito não exclui o amor. Contrariamente, ninguém consegue amar algo de que tenha medo.

Nas casas onde se segue este sistema, só há sossego quando o pai está presente. Na ausência dele a pequenada faz o que quer, sem respeito nem temor pela mãe, a não ser que ela costume cumprir as ameaças de fazer queixa. Estas mesmas ameaças, no entanto, acabam por não fazer qualquer efeito.

«Mousse» de Peixe

1/4 de quilo de peixe de carne branca — rodvalho ou lagosta, sal, suco de limão; 20 g. de gelatina dissolvida em 2 colheres, das de sopa, de água quente; 1/8 de litro de maionese; 1/8 de litro de creme batido ou leite em pó, tomates, limão em fatias e salsa para enfeitar.

Cozinhe o peixe, cuidadosamente, da maneira habitual, deixe esfriar, desfie a carne e condimente bem. Misture a gelatina dissolvida com a maionese, adicione o peixe desfiado e o creme. Despeje em uma terrina própria para «soufflé» e deixe firmar. Enfeite com fatias de limão, filetes de tomate — ou pimentão vermelho — e salpique com salsa picada.

Gelatina de Linguado

4 filés de peixe; 1 copo de vinho branco seco ou cidra; 1 colher, das de sobremesa, de suco de limão; 1 cebola pequena cortada em cubos; 2 ou 3 ramos de salsa; sal e pimenta; 10 g. de gelatina; 9 uvas brancas sem casca; 2 co-

colheres, das de sopa, de ervilhas cozidas; tomates.

Cozinhe a cebola e a salsa, picadas, no vinho ou cidra durante 20 minutos. Escorra, adicione o suco de água se necessário, e cozinhe o peixe até ficar mole.

Deixe os filés esfriarem um pouco e a seguir coloque-os com cuidado sobre a travessa de vidro. Meça o líquido e se necessário aumente com cidra ou água a quantidade, que deverá ser de 1/8 de litro. Nesse líquido dissolva a gelatina completamente, de acordo com as indicações apropriadas. Despeje um pouco sobre as ervilhas e uvas, em duas terrinas separadas, e deixe ficar até adquirir consistência.

A seguir enfeite o peixe com filetes de tomate e, às colheradas, vá cobrindo com gelatina. Arranje, também, na travessa pequenos agrupados de ervilhas e uvas já quase firmes, despejando mais gelatina sobre tudo para firmar.

Solha condimentada com Laranja

500 g. de solha ou filés de pescada; 30 g. de manteiga; suco de uma laranja; meia cebola; 1 pimenta em conserva ou 1 tomate grande sem casca e sem sementes; 1/2 xícara de molho francês de limão, bem condimentado; 1 folha de louro, 2 cravos, uma pitada de condimentos variados; 1 laranja descascada e cortada em fatias ou pequenos cubos; algumas azeitonas pretas.

Faça o molho francês com bastante antecedência e condimente bem com sal, pimenta, açúcar, noz-moscada, etc. Ponha a folha de louro e os cravos para se impregarem bem.

Coloque o peixe em uma forma de porcelana, untada de manteiga, e salpique com o resto da manteiga. Espreme por cima suco de laranja e asse em forno moderado durante uns 20 minutos. Deixe que esfrie, arrume o peixe sobre uma travessa de vidro e enfeite com fatias de cebola bem fina e filetes de tomate ou pimenta. Escorra o molho francês por cima de tudo e deixe repousar durante, pelo menos, duas horas em local frio.

nervos, porque já tinha escutado a mesma coisa a semana passada! Em casa por certo, a Esmeralda continuava a carpir os seus ciúmes absurdos, mas era estranho, muito estranho, como ela sózinha acalmava mais depressa.

Francamente — mas por que é que elas são assim?

MAS PORQUE É QUE

«elas» são assim?

Há alguns anos o Antunes conheceu uma jovem pela qual de momento se interessou. Desse «flirt» relâmpago ficou apenas um cartãozinho com o nome dela, a sua morada e o número do seu telefone. Nunca mais procurou cruzar com ela e esse cartão ficou esquecido no fundo de uma gaveta.

Há dias, ao chegar a casa teve o incómodo conhecimento de que esse simples e inofensivo cartão tinha sido encontrado pela Esmeralda, a sua gentil cara-metade. Cabe aqui dizer que ela por tudo e por nada fazia uma cena tremenda, razão pela qual o Antunes advinhou antecipadamente que ia ter «dança».

Chamou-o! Ele avançou com a coragem dos suicidas.

— Quem é esta Maria do Céu, querido?

Era o início. A bomba estava prestes a deflagrar.

— A que Maria do Céu te referes? — perguntou o Antunes com o ar mais inocente que pôde arranjar.

— Ah! Quantas conheces?

— Nenhuma, querida, mas como perguntaste estou no meu direito de saber, não achas?

— Refiro-me à desavergo-

nhada deste cartão, que tu tinhas guardado naquela gaveta, estúpido!

— Por amor de Deus, Esmeralda, não recomeces com as tuas cenas habituais. Essa rapariga, a tal Maria do Céu, foi um conhecimento inofensivo que eu tive antes de te conhecer.

Era assim mesmo: cada qual punha o seu jogo sobre a mesa.

— E então tu guardaste com carinho este cartão como recordação dessa paixoneta!

— Não digas tolices, querida. Como podes afirmar que eu guardei «com carinho» esse cartão? Simplesmente ficou abandonado na referida gaveta, perdido pelo esquecimento, no meio de tantos papeis.

— Não concordo com a tua justificação. Quando namoramos nunca conservaste com tanto carinho uma carta minha, pelo contrário, estavam espalhadas por todos os cantos e nos sítios mais disparatados. Queres deitar-me poeira nos olhos dizendo que esta Maria do Céu foi um conhecimento que tiveste há anos, quando por certo é de alguns dias!

— Por amor de Deus, Esmeralda, não recomeces!

Ela não ouviu e continuo a

todo o vapor.

— Tens sido um falso para mim e eu estou cheia das tuas falsidades! És um infiel, um reles conquistador de...

Estas coisas não se podem ouvir com a calma precisa. O Antunes carregou também no botão de arranque.

— Não julgues que eu vou continuar, muito sossegado a ouvir os teus disparates! Já é tempo Esmeralda, de desceres do céu e abrir os olhos. O teu maridinho é o homem mais lorpa do mundo e isto para quê? para ser fiel e cumpridor dos seus deveres e pagas-lhe assim, mimosando-o com disparatadas cenas de ciúme ridículas.

— Cala-te! — gritou ela limpando as primeiras lágrimas.

— Cala-te tu! — gritou ele por sua vez sem limpar nenhuma. — O amor é um sentimento delicado e sensível que não se pode pôr a prova constantemente com cenas deste género: já devias ter aprendido isto há bastante tempo...

— Não te quero ouvir mais... Foi para isto que eu abandonei os meus pais, as minhas amigas, a minha liberdade e casei contigo, não foi? Eu...

O Antunes pegou no casaco e saiu para acalmar os

TRIBUNA do CONCELHO

GOÃES

Melhoramentos

Depois de tanta insistência, segundo nos foi informado, Goães vai ter Estrada nova para a Igreja Paroquial.

Há tantos anos a martelar no assunto que tão necessário é, e de grande interesse, só agora é que iremos beneficiar daquilo que á muito desejamos.

Podemos chamar Monumento Nacional a Igreja de Goães, e sem um caminho decente como ela o merece.

Tem um cruzeiro que é sem dúvida um Monumento Nacional como resa a Monografia do Concelho, e com os crimes que se tem cometido encontra-se afastado duma Estrada, isolado á vista de todos.

Bem haja a estrada e que vá até junto d'êle, ou transportar o mesmo para melhor centro visto ser uma obra que devizou o terreno dado pelo 1.º Rei de Portugal D. Afonso Henriques ao Mosteiro Benedictino de Bouro.

Trabalhem todos para que se realize tais obras de engrandecimento na nossa freguesia e para bem de todos.

A Ex.^{ma} Câmara começou e estou certo que continuará.

Ponte sobre o Rio Cávado

Já há mais de cinquenta anos se fala numa ponte sobre o Rio Cávado em Pêgo Negro desta freguesia.

No tempo do Senhor Engenheiro Peixoto, de Verim, Póvoa de Lanhoso foi feito esse estudo, mas por infelicidade a morte surpreendeu-o sem que fosse realizados os seus desejos que tanto beneficiava os dois povos. Amares e Póvoa de Lanhoso.

Este técnico quando tratou da planta da Estrada de Amares ao Gerês, «obra sua» trabalhou no estudo da referida Ponte.

Desde então ficou sempre o povo a reclamar por tal obra que hoje está quase lançada no esquecimento.

Ali o Rio é estreito. Está ladrilhado por natureza. Há pedra em abundância. Falta o dinheiro e quem trabalhe, sendo assim falta tudo.

Amares separada da Póvoa de Lanhoso apenas pelo rio, não há Ponte que ligue os dois concelhos.

Existe a Ponte do Porto, dizem ser mais velha que Cristo que deve ser sem dúvidas, mas liga-nos a S. Paio de Pousada concelho de Braga.

Existe a Ponte de Parada que liga Amares a Vieira do Minho, e com a Póvoa de Lanhoso não há ponte que nos ligue. Agora por inicia-

tiva do Senhor Manuel António da Silva, proprietário na freguesia de Ajude Póvoa de Lanhoso, e comerciante e residente no largo de D. Gualdim Pais—Amares, para interesses d'êle e bem de todos, comunicou ás Instâncias Superiores para que fosse levada a efeito uma ponte em Goães no lugar do Vaú sobre o referido rio.

Os técnicos já começaram os devidos estudos. Irá avançar? Ouxalá que sim! que não aconteça como a de Pêgo Negro que é ali próximo, talvez uns 400 metros e não vimos nada.

Mesmo que não se faça fica de Parabéns o Senhor Manuel A. da Silva porque já mostrou na sua alma querer trabalhar em benefício de todos e esperamos o seu esforço em levantar novamente os desejos e a técnica do Senhor Engenheiro Peixoto, de Verim pois que o seu nome ficou na alma de todos nós.

A Póvoa de Lanhoso saberá ocupar o seu lugar como sempre.

C.

Padre Manuel Matias do Lago e Costa

Na sua residência sita na freguesia de Bouro, faleceu o sr. Padre Manuel Matias do Lago e Costa, arcepreste deste concelho, que desde há muito se encontrava doente.

Foi durante três dezenas de anos pároco da freguesia de Bouro, onde nasceu e há quatro anos que desempenhava as funções de arcepreste deste concelho.

No ano passado fez construir a residência paroquial de Bouro, por sua conta, a qual fazia muita falta à freguesia.

Foi membro da confraria da Senhora da Abadia, que serviu muitos anos e de várias instituições.

O seu funeral realizou-se na passada quinta-feira, com grande acompanhamento, estando todo o clero do concelho e dos concelhos vizinhos.

Pertencia a uma ilustre família e tinha oitenta anos de idade, não obstante o que desempenhava ainda as suas funções paroquiais.

A família enlutada os nossos sentimentos.

Visado pela Censura

Vida elegante

ANIVERSÁRIO

Fazem anos:

Dia 10 — A Snr.a D. Maria da Conceição Ventura Moreira
Dia 12 — Maria Augusta de Abreu Dias e Snr. João Gualberto de Macedo.

Dia 13 — A Snr.a D. Rosalina de Fátima Machado Teixeira e o Snr. José de Abreu Dias.

* * *

Salvé 10-7-962

Passa na próxima Terça-feira dia 10, o seu aniversário natalício a Senhora D. Luzia de Barros Pisão, extremosa esposa do nosso particular amigo e assinante deste jornal, Snr. Américo Dias Pisão, proprietários nesta vila.

Esta senhora que pelos seus dons de vontade é merecedora que Deus lhe conserve a vida por longos anos, pois que quem á porta lhe bate pedindo uma esmola, nunca ouviu a amargura de um não, ora com a sua dádiva, ora com as suas palavras, ela está sempre pronta a socorrer os mais necessitados.

Por tão faustosa data Tribuna Livre felicita a ilustre aniversariante e faz votos que esta se prolongue por muitos anos na companhia de seu marido.

Saudade! Saudade!

Quem parte, leva saudades; quem fica, saudades tem! Sim, é considerado ditado mas, na sua essência poderá ser relacionado a tudo, por minúscula que seja a sua importância.

Saudades existem sempre. A saudade — esse gosto amargo dos infelizes — é o pão mais azedo que poderemos tragar. A saudade é dura, escura e penosa. Mas, feliz de quem não possui um bocadinho de saudade. Seria um ser cruel, indiferente ao sentimento e sem qualidades para saborear as poucas mas doces rosas, de que somos reais possuidores neste vale de lágrimas.

A saudade ramifica-se intensamente. Apresenta-se sempre como uma derivação de um bem que se extinguiu. Às vezes, ela surge-nos como um ardente desejo, do reaparecimento do que no então foi alvo das nossas alegrias. Outras vezes, é uma cópia fiel de um passado ainda tão recente, que nos leva a confundir, se já poderemos considerar saudade,

CARTA DE LAGO

***** Aos amigos de perto e de longe *****

Começo por vos saudar e desejar-vos muitas felicidades. Passando a dar-vos notícias, falar-vos ei da nova.

Cabine eléctrica

Lago é uma freguesia pobre, sem indústrias capazes de empregar quem precisa de ganhar a vida. Por isso são muitos os que procuram ganhar o pão noutras localidades mais favorecidas pela iniciativa, e mesmo no estrangeiro.

Contudo os poderes responsáveis não têm desprezado as necessidades locais, principalmente os da actual administração municipal e paroquial. Desta forma repararam-se as paredes, grades e portão do cemitério, consertaram-se alguns caminhos, etc. Porém, a obra de mais valor é sem dúvida, a construção da cabine transformadora da corrente eléctrica e a extensão da rede distribuidora, a todos os lugares habitados da freguesia. Corrente eléctrica já tínhamos cá, há bastantes anos. Como, porém, dependia da cabine de Rendufe, até agora muito sobrecarregada e estava mal servidos, principalmente de verão.

Era ter e não ter corrente eléctrica, pois descia habitualmente até não se poder barbear, ouvir rádio, regar, ver, etc. Agora damos graças a Deus e á actual Administração, Municipal que prometeu, há dois anos e meio,

quando tomou posse, servir o concelho de Amares o melhor possível e tem cumprido com fidelidade inexcedível.

Falta de iniciativa

Causa-me grande pena ver os rapazes e raparigas partirem á aventura, para ganhar o pão amargo da existência. Muitos perdem a fé religiosa, o amor á terra e á família!... E não partiriam se tivessem cá onde ganhar a vida.

Aqui não há indústrias aptas ao emprêgo da mão de obra existente. A única fábrica de serração de madeiras cá existente está a dormir o sono dos justos. Há falta de iniciativa. Entretanto a Câmara dotou-nos com uma cabine privativa, indispensável para tirar água dos poços, visto haver muitos motores eléctricos, mas também ofereceu possibilidades á montagem de pequenas indústrias.

Novo Presidente

Em 30 do mês passado assumiu a Presidência da Câmara Municipal de Amares o Senhor Carlos Malheiro.

Por simpatia com o empossado, por curiosidade e também por motivos políticos, foram muitos assistir áquele acto de posse. Ouvi com atenção os quatro discursos proferidos e posso dizer-vos que gostei do primeiro e do último. Quanto ao segundo e ao terceiro dirvos-ei que esses oradores fariam muito melhor se estivessem calados.

A paz, e união dos amarenses só pode basear-se na colaboração sincera de todos no engrandecimento comum, sem desejos de querer mandar, ou estar em lugares de destaque, e no reconhecimento dos reais valores. Os títulos e os lugares valem pouco se os portadores ou ocupantes são destituídos de iniciativa, senso administrativo e vontade de servir o bem comum. Faltando qualquer um destes predicados será melhor que os referidos sujeitos fumem cigarros, passem de automóvel próprio, ou de «boleia» ou até de avião, se quiserem, e se metam com a sua vida, deixando trabalhar quem sabe e quer.

Penso que os políticos, em geral, devem murmurar menos e ler mais a «Imitação de Cristo» de Tomás de Kempes...

Desta forma, tenho disso a certeza, haveria paz e união no concelho de Amares.

Saudações do vosso:

J. Moreira

(Continua na 3.a página)

NOTARIADO PORTUGUÊS

Segundo Cartório da Secretaria Notarial de Vila Verde.
Notário: Licenciado Luís Armindo da Mota Lopes:

CONSTITUIÇÃO DE SOCIEDADE

Certifico que, por escritura de vinte e três de Junho corrente outorgada nesta Secretaria e exarada de folhas sete verso a onze, do livro de notas para escrituras diversas C — seis, foi constituída entre Agostinho Edmundo Pimenta, Guilherme Fernandes dos Santos, Ilídio José Paiva, Liberato Fernandes Pimenta, e Celso Fernandes Pimenta, uma sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, nos termos e sob as clausulas e condições seguintes: PRIMEIRO — Fica constituída para durar por tempo indeterminado, iniciando as suas operações nesta data, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, sob a denominação de Cigal-Sociedade de Empreendimentos Hoteleiros, Limitada, com sede e domicílio na freguesia de Caldelas, do concelho de Amares, tendo por objecto a indústria hoteleira e qualquer outro ramo de comércio ou indústria que a sociedade resolva explorar e para o qual não seja exigida autorização especial; SEGUNDO — O capital social é de cem mil escudos, está integralmente realizado em dinheiro e é formado por cinco quotas de vinte mil escudos, pertencendo uma a cada um dos cinco sócios, outorgantes primeiro a quinto inclusivé; Parágrafo primeiro — Não serão exigíveis prestações suplementares de capital, mas qualquer dos sócios poderá fazer suprimentos à Caixa Social sob as condições que entre si convencionarem; Parágrafo segundo — As cessões de quotas entre sócios, no todo ou em parte, assim como as respectivas divisões, ficam livremente permitidas; as cessões a favor de estranhos ficam dependentes do expresso e prévio consentimento de quem mais for sócio; Parágrafo terceiro — Tem a sociedade o direito de adquirir quotas, e bem assim as poderá amortizar nos casos seguintes: a) Por acordo com os respectivos proprietários; b) quando se haja feito penhora ou arresto sobre uma quota ou quando, por qualquer motivo, deva proceder-se à sua arrematação ou adjudicação judicial; c) Quaneo a quota tenha sido cedida a estranhos sem o consentimento dos sócios; Parágrafo Quarto — Salvo acordo em contrário, o preço da amortização será, em regra, a importância que, pelo último balanço aprovado, corresponda ao valor nominal da quota, acrescida da parte proporcional das reservas que não representem compensação de prejuízos previstos e não liquidados, e reduzida da parte proporcional em qualquer diminuição que, posteriormente ao balanço, tenha havido no valor do activo líquido. O preço da amortização será pago em quatro prestações semestrais e iguais. A primeira prestação pagar-se-á no acto da amortização. As prestações que não sejam pagas no acto da amortização vencerão juro da taxa igual à de desconto do Banco de Portugal. Considerar-se-á realizada a amortização, quer pela outorga da respectiva escritura, quer pelo pagamento ou consignação em depósito do preço ou da sua primeira prestação. Terceiro — A gerência da sociedade fica a cargo de dois ou mais gerentes e desde já de todos os actuais sócios, que são nomeados gerentes, sem caução e com ou sem remuneração, conforme entre si convencionarem, ficando-lhes expressamente proibido usar a denominação social em fianças, abonações, letras de favor e em quaisquer outros actos ou documentos de responsabilidade alheia, sob pena do infractor ser responsável para com ela pelos prejuízos que lhe causar com esse uso. Parágrafo primeiro — Os sócios distribuirão entre si, em Assembleia Geral, funções específicas que devam desempenhar na sociedade, nomeadamente nomearão dois de entre eles para dirigir e gerir em cada localidade os estabelecimentos hoteleiros que a sociedade explorar. Parágrafo segundo — Para a sociedade ficar obrigada é necessário que em nome dela assinem dois gerentes. Parágrafo terceiro — A sociedade poderá constituir mandatários, conferindo-lhes, nos respectivos mandatos, os poderes que entender. Parágrafo quarto — Os Sócios-Gerentes encarregados pela Assembleia Geral de dirigirem e gerirem estabelecimentos hoteleiros, devem obedecer às directrizes, indicações de deliberações tomadas pelo Conselho de Gerência e prestarem a este ou á Assembleia Geral contas da sua actividade. Parágrafo quinto — Os Gerentes reunirão pelo menos todos os sessenta dias em Conselho de gerência tomando as deliberações necessárias para a administração da sociedade por votação, e cabendo a cada gerente que seja sócio os mesmos votos que nas deliberações sociais lhe caibam, e a cada gerente que não seja sócio o voto que lhe for para o efeito conferido no acto da nomeação. Das reuniões do Conselho de Gerência lavrar-se-ão actas. Quarto — Anualmente será dado um Balanço que, repor-

O PADRE JOSÉ ANTÓNIO DIAS

(Continuação da 1.ª página)

era atirada ao Padre.

Acima de todos os deveres, pôs sempre o de pároco. Dizia todos os anos, na festa de S. José, quando os seus paroquianos iam à residência cumprimentá-lo, em nome de toda a paróquia: — «Obrigado; de todas as honras, de todas as homenagens de todos os cumprimentos, são estes os que mais me sensibilizam e eu mais agradeço e aprecio, por serem dos meus paroquianos, em nome da paróquia, e dirigidos ao Pároco».

Podia ter andado dia e noite numa liderança política. Podia ter-se deitado de madrugada. Mas nunca quis que a missa dos paroquianos deixasse de ser celebrada por si próprio. À hora da primeira missa. Lá estava no altar. Saia a correr para a freguesia anexa, mas era êle, pessoalmente, que celebrava e falava aos paroquianos de Galegos.

A todos visitava, como pároco, a todos confortava. As grandes funções paroquiais eram para êle motivo da maior enforia. Quem se não lembra de visita pascal? Quem se não lembra da célebre páscoa de Galegos?

Quem se não lembra dos arcos que cada lugar lhe levantava, das crianças que lhe dirigiam os inocentes discursos desses dias, dos «vivas», dos cantos, etc.?

Os grandes dias da paróquia, os confessos, as comunhões gerais eram para ele motivo de cuidado total, nada mais fazia, a sua alma vivia só aquilo.

Onde a sua acção pudesse solucionar um problema, aí estava o Padre José Dias. Êle foi para os paroquianos um pai.

E foi para todo o concelho o que era na própria paróquia. Foi para todos os pa-

dres, seus colegas, um amigo e um irmão. Se a algum pároco surgisse um problema, esse era também um problema do Padre José Dias.

Foi um elemento de ligação, de união, de concórdia e aproximação entre os seus colegas párocos de todo o concelho. Um dos seus maiores prazeres era tê-los todos á sua mesa. Quando reunia os colegas mais próximos por motivo de algum confesso ou festividade, êle, chegada a hora do almoço, mandava buscar os faltosos, porque para a sua mesa todos eram convidados.

As obras paroquiais, as associações religiosas, o Asilo, o Hospital, a Cantina, encheram a sua vida.

Nesta hora, em que o seu passamento sobre êle projecta a verdadeira luz, todos lhe fazemos a justiça de uma aberta afirmação: foi um grande pároco.

O seu lugar aí está vago. Temos a certeza de que se não de suceder os anos sem que surja o homem capaz de o substituir. Isso mesmo demonstrará a grandeza da sua figura de padre e de pároco.

* * *

O Padre José Dias foi também político.

Agora, que passou, é a hora da justiça. Digamos, pois: o Padre José Dias, foi a maior figura dos últimos tempos no tabelado político do Distrito.

Sempre pelejou pelas causas justas. Sempre defendeu e se bateu vigorosamente pelos homens bons.

É com as lágrimas nos olhos e a dor na alma torturada por perdê-lo que queremos salientar a maior das suas qualidades de político — a lealdade aos seus amigos. O Padre José Dias foi acima de tudo e antes de tudo um *amigo dos seus amigos*. Não acreditava em intrigas.

tando-se a trinta e um de Dezembro, deverá estar concluído, aprovado e assinado nos noventa dias subsequentes. Os lucros líquidos apurados, depois de retirados cinco por cento, pelo menos, para formação ou reintegração do fundo de reserva legal e de retiradas quaisquer outras percentagens para constituição de fundos especiais em que os sócios acordem, serão divididos pelos sócios na proporção das respectivas quotas. E na mesma proporção serão divididas os prejuízos apurados. Quinto — As deliberações dos sócios constarão sempre de actas ou de outros documentos escritos que sejam assinados pelos sócios. Sexto — A dissolução da sociedade dar-se-á por qualquer dos motivos e fundamentos legais, não se considerando como tal a morte ou interdição de qualquer sócio; e a liquidação social será feita como os sócios convierem e seja de direito e na falta de acordo recebendo e realizando todos os valores do activo, pagando todos o passivo e repartindo o saldo pelos sócios e na proporção das quotas que então possuam. Sétimo — Em todo o omisso a sociedade reger-se-á pelas disposições legais aplicáveis, especialmente pelas da Lei de Onze de Abril de mil novecentos e um. — Extraído em conformidade com o original, para efeito de publicação.

Secretaria Notarial de Vila Verde, vinte e nove de Junho de mil novecentos e sessenta e dois.

O Ajudante,

Manuel da Assunção Pereira da Cunha

Ele desprezava-as.

Nunca atraçouou, nem sequer menosprezou um amigo.

Se a um seu amigo era feita uma injustiça, ele podia ter de cair; mas caía com o amigo. Talvez, neste tempo de igoísmo político, ele tivesse chegado mais alto, se não dificuldades não descesse o caísse com os amigos. Mas nesta hora haveria sobre os seus restos mortais vozes que não seriam de saudade e dor.

Não. Ele foi o homem leal, o homem solidário com os seus, no bom e no mau, porque a virtude da lealdade é apreciada por amigos inimigos, nesta hora, sobre os despojos do maior político do distrito de Braga, há apenas lágrimas, saudade profunda e dor.

O Padre José Dias continua vivo no Distrito, agora na sua lição.

Como para o Padre, também para o político pedimos justiça. É a hora da luz. Por isso ninguém lha nega.

* * *

O Padre José Dias vai continuar entre nós, vivo na sua lição, vivo na sua obra.

Vivo na sua obra municipal sem paralelo talvez no País num município pobre.

Vivo nos Paços do Concelho, na Escola Cantina nos aruamentos, nas estradas, escolas, fontenários, linhas e ramais eléctricos, que levou aos quatro cantos do seu concelho. Vivo na sua lição, sim.

Êle pertence desde agora à história do distrito e nela vai car como exemplo de política da lealdade, político de carácter, amigo do seu amigo.

Se neste momento, o amigo que eternamente haveria de chorar pudesse pegar na mão e escrever, queria que terminasse-mos aqui, por esse remate: — O Padre José Dias foi o político da lealdade, vivendo com o triunfo dos amigos nas horas boas, caído com eles nas horas más.

* * *

Vamos acompanhá-lo a sua última morada. Deus têm o seu seio.

Que descanse em paz, na mão de Deus, na sua mão direita.

Vai envolto nas vestes sacerdotais.

Fazendo-lhe agora a vontade correspondendo ao maior e desejo em vida — grande honra que quis — ser acima de tudo e antes de tudo padre — acompanhemo-lo como padre, envolto nas suas vestes sacerdotais.

António José Costa

Leia, Assine

Publique na

«Tribuna Livre»

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

S. Paio de Seramil

(Continuação do número anterior)

disse ser de idade de cinquenta e sete annos pouco mais ou menos... aos quais testemunhas e a cada hum de por sim elle Juiz deferio os juramentos... e disserão que o ditto José de pinttos no tempo que tomara o obra da torre assestia na freguesia e couto de Souto, e ao depois se absentara e não se sabia para onde nem onde elle assestia, nem casa nem rua certa, à vista do que elle Juiz mandou fazer este sumário instrumento «e a demanda continuou com afixação de editais e lançamento de preções para que viesse a juizo o pedreiro galego, pela sua falta de cumprimento do contrato estipulado, mas, quando a palavra e a consciência undam pelo nível deste galego, nem as escrituras valem, e a obra foi adjudicado a outro construtor.

* * *

Já se deu conhecimento do chamado *tombo velho* da freguesia, elaborado no século XVI. Sobre ele foi, posteriormente, feita nova atombação. Das pessoas que intervieram e dos bens que a freg.^a possuía ainda vai saber-se pelo que segue:

«Anno do Nascimento do Nosso Snr. Jesus Christo de mil e setecentos e setenta e tres annos aos dez dias de Novembro do dito anno nesta Residencia da Igreja de Sam Payo de Seramil que he do concelho de Santa Marta de Bouro, da Comarca e Arcebispado de Braga Primaz, onde o Reverendo Manoel Moreyra da Cruz Abbade da freguesia de Santiago de Villela, vezinha immediata da sobradita... foy vindo a requerimento, e instancia do Reverendo Balthasar Borges Pereyra, Abbade da dita freguesia de Sam Payo de Seramil e ahi lhe apresentarão hua Comissão do Muito Reverendo Snr. Doutor Pedro Paulo de Barros Pereyra Dezembargador na Rellaçam da Cidade de Braga e Provizor de todo este Arcebispado, na qual dava facultade a elle dito Abbade de Santiago de Villela pera que com hum Notario, ou clerigo querendo que ellegeria pera escrivão, e com dois homens lavradores, que tambem ellegeria, de sans e rectas consciências vissem, medissem, apegassem, e confrontassem, e finalmente fizessem tombo novo de todas as propriedades, bens, prazos, e mais cousas pertencentes a dita Igreja de Sam Payo de Seramil, com toda a individuação e clareza; e por virtude da dita Comissão que elle Reverendo Comissario Abbade de Santiago de Villela aceitou, ellegeo a mim Padre Domingos Jose da Silva Presbitero do Habito de San Pedro, natural e morador no lugar de Santo Ivo da freguesia de Santiago de Goains, pera Escrivão da dita deligencia, e me deo o juramento dos Santos Evangelhos; e o recebo tambem da minha mão, sob cargo do qual prometemos mutuamente fazer bem, na verdade, e fielmente a dita deligencia, como tambem elegeo pera Louvados a Costodio Dias cazeiro lavrador, e morador no de Rial desta mesma freguesia de Seramil, e Bartholomeo da Silva lavrador e morador no lugar do Outeiro de Villa, ambos louvados bastantemente instruidos, homens adiantados em idade, com bastante conhecimento das propriedades; sob cargo do dito juramento igualmente prometerão fazer bem, e fielmente as suas respectivas obrigaçoens, e por passar todo o referido na verdade, me mandou elle Reverendo Comissario fazer este termo de apresentação, aceitação e juramento; o que o mesmo Reverendo Comissario, e Louvados aqui comigo assignarão, dia, mes e anno *ut supra* e Eu o P.^o Domingos Jose da Silva secretario o escrivi.

Item demarguram elle Corpo da Igreja, e Capella Mor que tem de comprido quinze varas, e meya; e tem de adro quarenta e nove varas de comprido, e de largura dezoito, tem sua sacrestia.

Item mais demarguram elles Louvados o assento da Residencia que tem de comprido sessenta e quatro varas e tres quartas, medido na parte mais comprida, principiando esta medida na Casa da Renda pella estrada athe o olibal do Senhor; e de largo medido na parte mais larga, isto é, de Nascente ao Poente, sessenta varas; dentro desta medição fiquam tambem as casas da Residencia as quais tem em comprimento do Sul ao Norte vinte e nove varas, e de largo, isto se entende do Nascente ao Poente, dezasseis varas, e proximo a esta corrente fiqua hua Casa nova sobradada com suas lojas, e contigua a esta e he da parte do Norte fiqua a Casa da Renda, a

(Continua no próximo número)

Saudade!

Saudade!

(Continuação da 3.ª página)

caminho maléfico. Embora não seja doce, por vezes sacode-nos dum certo marasmo característico de certas mentes, avivando-nos as ideias, e mostrando-nos o mundo por um prisma real. Foi a saudade germinadora que nos acordou.

Por vezes, confunde-se saudade com desejo. Um tempo indeterminado separa dois seres. Julgam sentir saudades de um reencontro. Neste caso, é uma coisa mais doce e suave que predomina nos pensamentos — é um desejo humano que livrando-se da capa da saudade, frutificou após uma simpatia que reproduzindo-se pela ordem natural das coisas, formou algo mais alto. Titanicamente lutamos no sentido de verificar se esse algo é nato da ilusão. Tal coisa não se verifica. A ideia e presença de espírito já não é um débil castelo construído sobre areia.

Amanhã que a felicidade transborda sobre os protogonistas das anteriores passagens, ai sim, recorda-se com saudade, mas saudade pouco amarga, esses momentos que orgulhosamente diremos chamar a era da nossa juventude. Ameniza esta saudade a já citada felicidade, que é em todos os momentos o escudo real desta luta verdadeiramente humana.

A saudade, também é um posto pouco amargo para os que «julgam» ser felizes...

Auxiliai os Bombeiros V. de Amares



FUNDADA EM 1835

Há mais dum século, na «DOURO» está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

Deseja trabalhos tipográficos com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE À
MODULAR

Telefone 62113

Amares

XXII

A INDIA PORTUGUESA

por Porfirio de Sousa

Continuação do número anterior

Afonso de Albuquerque, fora dos combates, era compreensivo e justo — e contava muitos amigos não só entre os portugueses, mas até entre os turcos e mouros.

Mas as suas congeminções iam muito mais além: premeditou reduzir à imputência o Egito que representava um constante perigo para o nascente império português na Índia — pois os seus arsenais estavam sempre em laboração para abastecerem as armadas que sulcavam aqueles mares com o intuito de interceptarem os navios portugueses para comerciarem livremente naquelas paragens.

O seu plano era audaz e temerário, pois consistia em desviar o leito do rio Nilo para esterilizar as fecundas terras que as suas águas irrigavam.

Para conseguir o seu audacioso intento tinha concebido cortar uma serra para desviar o curso do rio, mas isso não passou de um quimérico sonho — apesar de, para o efeito, haver pedido a El-Rei D. Manuel que lhe enviasse gente da Ilha da Madeira, onde havia peritos no corte de serras.

Por outro lado, como não conseguisse levar a bom termo a empresa de Aden, Afonso de Albuquerque voltou a Ormuz em 1514, pois essa cidade ainda não estava devidamente submetida à soberania portuguesa nem tão pouco tinha concluído as obras da Fortaleza, como o Vice-Rei lhe havia

determinado e imposto a alguns anos.

Em Ormuz, naquele tempo, nunca um rei de maioridade governou aquele reino — pois quando subisse ao trono uma criança de sangue real governava em nome dela um regente.

Quando o pequeno rei atingia a idade de governar, o regente mandava-lhe arrancar os olhos e em seguida encerrava-o num dos aposentos do palácio, onde lhe eram servidas porções refeições até que o infeliz morresse à mingua.

Sepultado o infeliz, subia do trono outra criança de ascendência real e o seu fim era idêntico ao dos seus antecessores — e o regente, que era o verdadeiro rei, continuava a governar despoticamente um que ninguém lhe fosse à mão.

Ora o príncipe Turuxa, que ia nos seus vinte anos e estava, por isso, prestes a atingir a sua maioridade, vivia apavorado com a ideia fixa de que dentro em breve o regente lhe mandaria arrancar os olhos e o encerraria no aposento-prisão, como tinha sucedido, no decorrer do tempo, a tantos dos seus predecessores.

Afonso de Albuquerque, depois de chegar a Ormuz teve conhecimento do violento e pérfido costume que o desumano e ambicioso regente transformava em soberana lei.

O Vice-Rei que era justo e para quem, normalmente, não havia dificuldades insuperáveis, requereu ao rei de Ormuz que o autorizasse a construir, provisoriamente, um pavilhão sobre um terreno sobranceiro à praia e que abrangia a área onde foram implantados os alicerces e levantadas algumas paredes da fortaleza que anos antes ali tentou edificar.

O rei, com aprazimento, deferiu imediatamente o requerimento de Afonso de Albuquerque e Rexamede, quando o soube — e embora não concordasse com a decisão do rei seu prisioneiro — não deixou transparecer o seu transparecer o seu descontentamento através da máscara que cinicamente afivelava.

É certo que o pérfido Regente não atribuía importância de maior ao facto, pois estava convencido que do acto imposto do príncipe não lhe acarretaria qualquer aborrecimento ao exercício das suas altas e usurpadas funções.

O Vice-Rei que tinha em mente apoderar-se da cidade de surpresa, aproveitou esse ensejo para levar a efeito as suas intenções, firmando assim outro forte pilar do grande império que criou por suas próprias mãos.

(Continua no próximo número)

A posse do Sr. Carlos J. R. da Silva Malheiro

(Continuação da 1.ª página)

mercias; drs. José Ferreira de Araújo, Soares da Silva, Alvaro Forte, Gama Lobo Xavier e Aires de Faria; Engs. Sousa Teles, Vale Rego Amorim, director escolar, etc.

Fala o sr. Governador Civil

«Correm adversos para a nossa Pátria os ventos da História.

A força de ouvirmos a frase, que já é lugar comum, como que um «slogan» e que acima de tudo é uma triste realidade vai-se criando no nosso espírito a impressão, fatalista de que assim tem de ser, de que assim está escrito.

E, contudo, nada mais errado de que aceitarmos sem reacção o fatalismo dos acontecimentos numa atitude de cobardeia que os torna cada vez mais possíveis.

Se não é fácil tomar qualquer acção decisiva, enérgica e rápida contra os que nos atacam do exterior, já assim não é em relação à frente da batalha que tem por campo o próprio território nacional, em relação à rectaguarda que o inimigo pretende desmantelar.

As divisões e dissidências suscitadas no nosso seio, por razões cuja validade é discutível e cuja oportunidade é inadmissível, são incontestavelmente a maior e a mais valiosa arma dos inimigos da Pátria.

E porque somos o maior número e felizmente os mais válidos, a continuarmos em estereis divisões cairemos certamente na situação suicida, que também é traição, de deixarmos perder por incúria, por cume, por vaidade ferida e até por maldade, toda a conquista da Revolução Nacional, toda a grandiosa obra do chefe incomparável, que ao Serviço da Pátria, sacrificou toda a sua vida.

«Unidade e Acção» foi o tema feliz de um brilhante discurso que o Senhor Ministro do Interior pronunciou há dias, ao ser recebido na Câmara Municipal do Porto.

Como Sua Excelência sentimos todos nós a necessidade dessa unidade.

Ao ser recebido em Braga depois da minha posse, numa sessão de boas vindas com a qual gentilmente me quiseram honrar as Comissões da União Nacional e os Presidentes das Câmaras, tive a oportunidade de dirigir, a todos os que com a sua presença se dignaram abrilhantar essa sessão, uma palavra sobre a necessidade imperiosa da unidade. Era nesse momento e continua a ser hoje, a minha preocupação dominante no Governo do Distrito, porque se me afigura axiomático que sem ela, seremos fácil preza do inimigo.

Com a unidade, com a comunhão de todos os esforços, pelo contrário seremos invencíveis, sejam quais forem os Ventos da história, porque defendemos uma causa justa e nobre que é a causa da Pátria.

Mas para haver unidade e a consequente acção, haverá que se aceitar a disciplina, terá que se acatar a palavra de ordem de um comando único, comando que felizmente tem no seu vértice a figura gigantesca do homem que mais uma vez nos fez grandes.

O futuro da Pátria que depende de nós, será o que nós quisermos. A hora continua a ser de união.

São estas, meus senhores, as considerações que ponho à ponderação de Vossas Excelências e especialmente à de Vossa Excelência Senhor Presidente, porque um Presidente da Câmara não é um mero funcionário administrativo.

Um presidente da Câmara terá de aliar as qualidades de sábio administrador do seu Município às qualidades de hábil político, e não sei qual delas será a mais importante. Política de esclarecimento sempre, política de tolerância por vezes, política de convencimento, política de unidade que será a política Nacional, e que fará grande cada Concelho, por que é na grandeza de todos que a Pátria será cada vez maior.

Não vá julgar-se, meus Senhores que esta acção política, que entendo ser actividade preponderante dos Presidentes das Câmaras, deve ser uma acção antagónica ou à margem da União Nacional. Nada disso. Se a finalidade é a mesma, a política terá de fazer-se em colaboração e será tanto mais eficiente quanto essa colaboração for mais íntima. A independência de acção dos Presidentes das Câmaras compreende-se sim, mas apenas na execução da doutrina definida pela União Nacional. Dentro dela, pode e deve actuar.

Sei bem, Senhor Presidente que não lhe transmito tarefa fácil mas também sei que V. Ex.ª possui de sobra as qualidades necessárias para a cumprir.

O conhecimento dessas qualidades, a sua situação de independência em relação a partidários locais, o conhecimento que tem dos seus conterrâneos e ainda o entranhado amor que o liga ao seu Concelho se já por si são garantias que o impõem no cargo para que foi escolhido, essas garantias foram aumentadas pelo agrado e simpatia com que o seu nome foi escolhido pela população do concelho de Amares. A atestá-lo está o número e a qualidade das pessoas aqui presentes e as duas centenas de telegramas que me foram dirigidos, felicitando, pela escolha feita.

Por isso, Senhor Presidente, a tarefa não será fácil porque nunca é fácil governar, mas é, certamente, tarefa honrosa.

Assim Deus o oriente e os amarenses o ajudem como merece e como espero.

Meus Senhores:

Antes de terminar quero deixar expressa, em nome do

Governo e em meu nome pessoal uma palavra de apreço e reconhecimento ao sr. dr. Eduardo Gonçalves, que com tanto sacrifício exerceu as mesmas funções. Quero acentuar bem que a sua saída de modo algum diminui a consideração que temos por Sua Excelência como Nacionalista de sempre e intransigente defensor dos interesses do seu Concelho e do Distrito de Braga.»

* * *

Findas as aclamações usou da palavra o sr. dr. Avelino Silva, na qualidade de presidente da Comissão Concelhia da U. N. o qual felicitou o sr. Governador Civil pela escolha acertada do sr. Carlos Malheiro para presidente da Câmara, fez votos por um mandato feliz e ofereceu-lhe a colaboração da União Nacional.

Seguidamente usou da palavra o sr. Tomé Gonçalves, para o que invocou a sua qualidade de amigo do empossado, ser amarenses e irmão do presidente cessante. Entendemos a intervenção importuna porquanto com o intuito de elogiar e servir alguém cujas afirmações são inteiramente destituídas de verdade.

Assim, o dr. Eduardo Gonçalves no seu primeiro mandato teve como colaboradores o sr. Marques Rego e dr. Cícero Azevedo, ambos falecidos, mas nunca o que a esse tempo não vivia no concelho.

O dr. Eduardo Gonçalves nos 2 anos que gora esteve na Câmara não deixou de fazer obra por falta de colaboradores ou por colaboradores de menos préstimo. Fez neste pequeno prazo tanto como ele no primeiro mandato e todos os outros presidentes até há data.— 25 anos.

Estamos autorizados pelo sr. dr. Eduardo Gonçalves a repudiar em seu nome as afirmações feitas por este orador como não sendo verdadeiras quanto à outra pessoa que ele quis elogiar nem quanto ao valor e honorabilidade dos seus colaboradores do último mandato a quem presta homenagem de admiração e estima e, está certo, a irá prestar o seu substituto.

Fala o sr. Presidente da Câmara

Por ser do maior interesse, publicamos na íntegra o discurso do sr. presidente da Câmara:

«Nas poucas palavras que vou proferir, entendo dever confessar logo a V. Ex.ª, a surpresa e emoção de que me vi possuído ao ter conhecimento de que — talvez por razões de consideração pessoal envolvidas em excessiva esperança que em mim depositou V. Ex.ª, Senhor Governador — o meu nome havia sido indicado para ocupar a chefia do concelho de Amares, vagá pela saída do meu amigo pessoal de sempre, sr. dr. Eduardo Gonçalves,

a quem neste momento eu desejo prestar sincera homenagem pelas muitas provas de estima que dêle sempre recebi.

A V. Ex.ª, Senhor Governador, eu quero agradecer a honra com que me distinguiu ao convidar-me para o mais elevado cargo do concelho de Amares, afirmando-me desde já, que para o cabal desempenho de tão alta função eu conto inteiramente com o franco e decidido apoio de V. Ex.ª como legítimo representante do Governo da Nação — Governo das grandes realizações — que terá de estar comigo para a valorização do concelho a cujos destinos vou presidir.

Só por um desejo bem forte de ser prestável ao concelho que sempre considerei a minha terra, eu acedi a tal convite, entrando assim a contactar com os anseios dos amarenses naquilo em que as suas aspirações por justas e humanamente realizáveis devam ser acarinhadas e conduzidas no caminho da satisfação.

É meu dever, porém, declarar desde já que não desejo ter de considerar a existência, no concelho, de facções que se proponham reconhecer como bom só aquilo que lhes parece sê-lo e como mau tudo o que não é da sua inspiração ou patrocínio, pois que para mim é bom tudo o que tenda a valorizar o concelho de Amares (já tão pobre de si!) e de parte deve ficar tudo o que anteponha aos interesses gerais os individuais ou de grupo.

Foi esta, aliás, Senhor Governador, a condição prévia que a V. Ex.ª formulei e espero manter enquanto a confiança de V. Ex.ª em mim se não esmorecer. É que eu tenho orgulho em afirmar que em cada amarenses vejo um amigo, e julgo que Deus me auxiliará a merecer, como antes, a confiança de todos os munícipes de modo a facilitar-me a tarefa que me

proponho levar a cabo e cuja primeira parte consiste em estabelecer a união de todos para que juntos possamos constituir um bloco capaz de se impor de forma a readquirir a confiança dos poderes públicos em ordem à satisfação das justas necessidades do concelho de Amares.

Entendo meu dever recordar aqui os amarenses ilustres que devotadamente serviram já o município de Amares, srs. Dr. Avelino Manuel da Silva e D. Nuno Lorena, que se impuzeram pelo apromo e isenção com que serviram o concelho.

Outros há também que julgo credores do reconhecimento geral pelo amparo que tem dispensado às aspirações de Amares, mas a sua enumeração seria enfadonha para V. Ex.ª.

Á digna Comissão Concelhia de Amares da União Nacional — agrupamento político onde cabem todos os que sinceramente desejam o progresso da sua terra e o triunfo de toda a política que seja verdadeiramente Nacional, eu entendo meu dever assegurar e solicitar também uma ampla e profícua colaboração, e aos ilustres párocos do concelho — autênticos orientadores de consciências — eu quero pedir que, como verdadeiros membros do arcepresbiterado de Amares, não me neguem a sua ajuda com vista ao estabelecimento de um clima de verdadeira concórdia entre todos os componentes da pequena família amarenses.

E, para terminar, a todos eu desejo manifestar a minha muita gratidão pela honra que me deram com a sua presença assegurando-me desde já que podem também contar comigo para tudo que esteja ao alcance das minhas modestas possibilidades.»

Findo o seu discurso o sr. presidente do Município foi muito felicitado recebendo os cumprimentos de todos os presentes.

A NOSSA LINHA DE RUMO

Continuação da 1.ª página

te realidade dum passado que para todos será bom esquecer, vai o novo presidente verificar que onde a calúnia disse haver roubo á sacrificio, onde denunciou interesses mesquinhos há dívida total.

Vai ver abnegação, amor, sacrificio e despendio pessoal na realização duma obra que é o sonho de 20 anos de cativo.

Vai ainda o Presidente com toda a imparcialidade julgar os actos, as obras e os homens, e é bem preciso assim para que as coisas sejam postas no seu lugar, até porque tem a obrigação de informar as várias autoridades distritais do que realmente é verdade e de re-

por as honras dos desinteressados e abnegados servidores do concelho no seu devido lugar.

Neste aspecto é preciso que se encontre o remédio para a grande chaga.

A todos que se prezam de amar o concelho, e de viver intensamente o seu progresso que em grande medida significa um melhor nível de vida dos seus povos é chegado o momento de mostrar esse amor e esse interesse, em actos de colaboração e lealdade para com as autoridades administrativas.

Este pode ser e será se todos quisermos um novo ponto de partida para um mundo melhor.